

A impossível passeata dos médicos

Quanto vale a vida na cidade de São Paulo? Os interessados na resposta podem encontrá-la tanto com o prefeito Paulo Maluf quanto com os representantes populares na Câmara dos Vereadores da Cidade. O primeiro assina os cortes mais enfáticos na chamada área social do orçamento municipal. O segundo grupo de responsáveis pela *resposta* transforma em querela política a vida do paulistano, em especial a do pobre, aquele que obviamente mais faz uso de um hospital municipal.

O começo dessa autêntica crônica de morte anunciada da Saúde na Capital paulista se encontra na fuga, melhor expressão seria *retirada em massa*, dos médicos dos hospitais públicos e dos antigos centros de saúde da Prefeitura de São Paulo. O motivo é o óbvio: salário. O piso salarial de um médico

paulistano é de R\$ 420! Com esse salário não é preciso pesquisa para conhecer razões de seis demissões por dia dos quadros médicos da Capital. Dos que ficam, 40% simplesmente não vão trabalhar.

Ainda na gestão do dr. Raul Cutait, em abril do ano passado, a Secretaria Municipal de Saúde anunciou a contratação de mil novos médicos, 300 enfermeiras e 600 auxiliares de enfermagem para 200 unidades básicas de saúde. Na época foi anunciada também a contratação regular de mais 400 médicos. Fácil seria anunciar as contratações e até fazê-las; difícil seria convencer médicos e pessoal especializado a trabalhar pelo salário oferecido. As demissões começaram. A administração Luiza Erundina reconhecia no seu balanço final a falta de 1.544 médicos. Em dezembro do ano passado, a secretaria competente admitiu

um déficit da ordem de 3.654 profissionais. Como só no primeiro semestre deste ano perdeu mais 900, não é difícil saber por que, quando os médicos decidiram por uma paralisação de 24 horas na última quarta-feira, ninguém notou! Nem a população, acostumada à carência de sempre, nem o poder pisando em ovos para não perder os poucos que ficaram.

Em junho do ano passado, quando os médicos da Prefeitura faziam paralisação que ainda se notava, o alcaide declarava em alto e bom som que "isso", ou seja, o movimento dos médicos, era "coisa de meia dúzia de bagunceiros". Pois bem, mais da metade da "meia dúzia" já foi

embora... Em setembro, com o conveniente estardalhaço publicitário de sempre, a Prefeitura anunciou a "solução": a entrada em vigor do Quadro de Profissionais da Saúde, QPS, e imediatamente após a sanção da *novidade* convocou 1.297 médicos remanescentes de concursos públicos. Um mês e meio depois apareceram para tomar posse, apenas 79 profissionais. Não se sabe quantos ainda permanecem no alardeado QPS. Quando

**Todo dia 6
médicos se
demitem. A área
mais doente da
gestão Maluf não
é a Saúde?**

não há médicos em número suficiente, nem para fazer passeatas em dia de greve, não seria melhor reconhecer que a área mais doente da administração Paulo Maluf é a Saúde, apesar dos esforços para aumentar salários?